

CARTA À ANCESTRALIDADE SOL EM MUSSONI

por Adnã Ionara

Ô, mãe, me explica uma coisa: porque é tão difícil ressignificar a morte? Como pode, uma mulher capaz de guardar Sóis no peito simplesmente se deixar sumir no vento? Sim, tudo é no tempo do vento. Eu sei, eu sei, eu sei. Por mais preparo que você tenha nos dado, é difícil demais continuar sozinha cabendo em suas pegadas.

Porque aqui a gente continua no olho esquerdo do furacão. Os dias correm desgarrados e a gente se sente esquisita. Tá tudo seco. Boca e copo d'água com sal.

São mil dias de chuva. Mil dias de chuva.

Era tempo de excarcerar da casca, eu sei. E tudo bem. Toda lagarta vira borboleta no tempo de bater as asas, de criar seu próprio vento.

Como eu queria ter te curado, como eu queria.

E assim vivo, na saudade, na deriva entre o ar e pó, nessa contradição entre ausência e a presença: Como pode uma Lucimara tão gigante caber nesse pedacinho que é a Adnã?

Aqui na saudade, aqui só saudade, aqui pra saudade.

Obrigada pelo movimento, pelo corpo e cabelos. E hoje danço para sobreviver a remetragem do cordão umbilical.

Te amo para além do princípio,

Adnã.